



Helena P. Blavatsky deixou seu escritório em Londres (foto) no dia 8 de maio de 1891

Quando H.P. Blavatsky e W. Q. Judge pareceram morrer - assim como os reis morrem, os mendigos morrem e as flores morrem - os estudantes de teosofia repetiram pela milésima vez as palavras tão pronunciadas do segundo capítulo do “Bhagavad Gita”.

Mas há um ditado que diz: a menos que o verdadeiro significado de um ensinamento seja compreendido, por mais que ele seja eternamente verdadeiro, ele será, para os seus repetidores, apenas “uma canção de pouco significado embora as palavras sejam fortes”.

Quem viu de fato a “morte” da professora assim como os Sábios veem a morte? Sim, estava lá o corpo, morto como qualquer outro. “Siga adiante para a sua recompensa, ó Lanu [2], nós nos veremos de novo”, disseram alguns. De fato, a Mestra estava morta, *para eles*.

No entanto, inúmeras vezes o corpo de H. P. B. tinha ficado inerte durante o sono. Onde estava a verdadeira H. P. B. enquanto seu corpo dormia?

“Eu, isto é, meu corpo, estará quieto e adormecido em minha cama a luz divina estará ausente dele, voando até você; e depois voará de volta e então outra vez o templo será iluminado pela presença da Divindade” [3] - escreveu Ela desde os Estados Unidos para uma pessoa da sua família, referindo-se a uma visita inteiramente consciente feita à distante Rússia, enquanto a Sra. Blavatsky estava calmamente dormindo. Em outra ocasião, Ela disse:

“Minhas noites são os meus manvântaras”. [4]

Nós não superamos a morte nem o sono; mas este obstáculo não existe para os Sábios.

No dia oito de maio [de 1891] o corpo estava novamente imóvel; porém agora pela última vez. Onde estava H. P. B.? Onde estava a Sabedoria Imensa, a vasta inteligência, a personificação da Doutrina Secreta? Onde estava o amor ilimitado pela humanidade toda?

Estará ela extinta, ou inconsciente, ou confortavelmente instalada em algum céu à prova de som, onde não chegam os gritos e os choros deste inferno que chamamos de terra? Estará em

algum *loka* distante [5], para ser encontrada outra vez só depois que milhares de anos tenham passado? Para aqueles que estão sempre se esforçando para liderar isso ou aquilo, e que não sentem, nem tentam sentir o Coração, a resposta pode ser essa mesma.

Entre os muitos indícios deixados pela Fonte de todos os nossos conhecimentos e de toda a nossa força para este trabalho coletivo, vemos o seguinte:

“Se alguém obteve poderes (da Raja Ioga) devido a este estudo, não é possível permanecer muito tempo no mundo sem perder a maior parte dos seus poderes - e a parte mais elevada e mais nobre deles, na verdade. De modo que, se qualquer pessoa com tais características é vista trabalhando em público durante muitos anos consecutivos, sem buscar dinheiro ou fama, é preciso saber que tal pessoa está se sacrificando pelo bem dos seus semelhantes. Algum dia tais indivíduos morrem de modo inesperado, e os seus supostos restos mortais são descartados; mas, apesar disso, talvez eles não estejam mortos. ‘As aparências enganam’, diz o provérbio.” [6]

Milhares de pessoas podem viver de modo confortável, e até muito satisfeitas, tendo a teosofia como sua propriedade mental. Mas a aplicação diária e a cada momento da teosofia, a sua divulgação segundo as Linhas Estabelecidas por Aqueles que a criaram, preservaram e regeneraram, significa avançar por um caminho no qual ninguém conseguiria ingressar ou perseverar, se não fosse por esses Amigos e Professores de tempos antigos e de tempos futuros.

O estudante deve aprender a sentir e saber que estes Grandes Seres não estão mortos, e nem tampouco em algum retiro distante, mas estão sempre próximos, e ativos como a magia de um poder irresistível, como um rio que avança poderosamente. À medida que o estudante confia inteiramente Neles e prossegue no trabalho, estudando, aplicando e divulgando os Ensinamentos que Eles escreveram para ele, nesta medida ele, inevitavelmente, compreenderá por completo.

NOTAS:

[1] “Bhagavad Gita - a Mensagem do Mestre”, trad. De Francisco Valdomiro Lorenz, Ed. Pensamento, SP, 178 pp., ver pp. 27-28. (NT)

[2] Lanu: discípulo. (NT)

[3] Esta é uma citação de “Letters of H. P. Blavatsky”, edited by W.Q. Judge, Chapter II, “The Path” magazine, January 1895, see p. 299. As cartas autênticas de H. P. B., tal como editadas por W. Q. Judge, estão disponíveis em língua inglesa nos websites www.TheosophyOnline.com, www.Esoteric-Philosophy.com e www.FilosofiaEsoterica.com. (NT)

[4] Manvântaras: Períodos de manifestação do universo, intercalados pelos Pralayas, ou períodos de descanso. A frase significa que, enquanto seu corpo descansava, H. P. B. estava em plena atividade. (NT)

[5] Loka – um local, plano ou dimensão sutil. (NT)

[6] Neste ponto, uma nota de pé de página de J. Garrigues diz que a citação é tirada do volume “A Modern Panarion”. O trecho faz parte do artigo de Helena Blavatsky intitulado “Questions Answered About Yoga Vidya”, que faz parte de “A Modern Panarion”, H. P. B., Theosophy Co., Los Angeles, 1981. O volume é uma edição em fac-símile da edição de 1895 edition, com 504 pp. Ver p. 360. O artigo foi publicado inicialmente em “The Theosophist”, Dezembro de 1880, p. 47. (NT)

Website Distribui Adesivo de Carro O www.FilosofiaEsoterica.com Já Circula Pelas Ruas

O boletim “O Teosofista” está oferecendo um adesivo para carros, gratuitamente, aos seus leitores e amigos. A meta é levar teosofia às ruas, de modo literal.

O adesivo tem 32,5 cm de largura por 8,5 cm de altura. Deve ser colocado do lado de dentro do vidro do carro. Pode ser colocado na linha de baixo, no meio, do vidro traseiro do automóvel, ou podem ser colocados dois adesivos, um mais à esquerda, outro mais à direita. Como fica na parte inferior do vidro, não atrapalha no espelho retrovisor. Também é adequado colocá-lo no vidro lateral esquerdo do carro.

Com fundo branco, o adesivo diz:

www.FilosofiaEsoterica.com
Não Há Religião Mais Elevada Que a Verdade

O uso do adesivo é uma oportunidade. Constitui um modo eficaz de abrir pequenos clarões de lucidez em meio à atual rotina cultural do Brasil e de Portugal.

Imaginemos por um momento o trabalho que dá divulgar verbalmente, em meio a conversas, a filosofia teosófica. Não é pouco. Com um adesivo no carro, fazemos esta tarefa sem qualquer esforço, o tempo todo, com o carro andando e com o carro estacionado. Como sabemos que não existem “completas coincidências”, podemos concluir que as pessoas certas, para quem a teosofia é uma possibilidade real, já podem passar por perto dos nossos automóveis, na hora certa, para alcançar contato com a rede de consciência planetária que é o movimento teosófico.

O lema do movimento teosófico, “**Não Há Religião Mais Elevada Que a Verdade**”, propõe em poucas palavras o caminho do bom senso entre os dois extremos do materialismo cego e do igrejismo que nada enxerga.

Deste modo os carros dos leitores de “O Teosofista” podem fazer parte ativa do movimento teosófico, levando às ruas a possibilidade de uma vida mais sábia. O adesivo traz consigo uma influência útil para o próprio motorista. Os interessados em recebê-lo gratuitamente podem escrever para lutbr@terra.com.br, indicando seu nome completo e endereço postal completo, inclusive CEP.

Radha Comenta Defesa de Judge

Presidente da Sociedade de Adyar Manifesta Indiferença em Relação à Verdade dos Fatos

Em sua coluna editorial “On the Watch-Tower”, na edição de julho de 2011 da revista “The Theosophist”, da Índia, a sra. Radha Burnier comenta a campanha de cartas abertas em defesa da verdade sobre William Judge.

Nos anos de 1890, William Judge era vice-presidente mundial quando foi vítima de uma campanha de perseguição política por parte de Annie Besant. Isso provocou a divisão do movimento teosófico e o abandono da teosofia original por parte da Sociedade de Adyar.

Iniciativa de associados brasileiros da Loja Unida de Teosofistas, a campanha começou em Abril de 2006 e consiste de cartas anuais dirigidas à presidente de Adyar, Radha Burnier. Em 2011, 46 pessoas mandaram 22 cartas aéreas para a Índia, desde sete países, pedindo justiça para W. Q. Judge. Um considerável debate internacional deu ampla divulgação ao movimento em 2011, e isso talvez explique o fato de que a sra. Burnier veio a público comentar o assunto. Ela usou pouco mais de uma página da revista para tentar dizer que o assunto é irrelevante, mas, ao fazer isso, ela contradiz a si própria. Se realmente pensasse que o tema é irrelevante, ela não teria usado uma página da sua revista defendendo essa tese. Para justificar sua indecisão, ela adota a filosofia do relativismo ético. Depois de alegar que já passaram quase 120 anos desde a crise dos anos 1890, ela afirma, referindo-se a William Judge:

“Há alguns que são favoráveis às ações que ele desenvolveu, e outros que não são; devemos fazer um julgamento em nome de todos os membros, a esta altura? A decisão, favorável ou não, ficará apenas no papel, e as pessoas continuarão a pensar o que é possível segundo o que veem e desejam. A Sociedade não pode decidir sobre isso...” (p. 4)

Esta é a conhecida posição de Pôncio Pilatos. Consiste em lavar as mãos diante das injustiças. A presidente internacional da Sociedade de Adyar pensa que investigar ou aceitar a verdade dos fatos é algo a ser evitado. Por isso não autoriza a abertura dos arquivos históricos da sua própria Sociedade nem sequer para pesquisadores independentes e neutros.

Os erros da sra. Burnier, no entanto, são bem intencionados. Pessoalmente, é uma pessoa ética e merece o respeito de todos. Ela faz o melhor que pode desde a sua própria visão de movimento teosófico. Um dos seus principais equívocos é a negação do passado como fonte de lições. Ela ainda não percebeu que esclarecer e compreender o passado é indispensável para que se possa agir corretamente no presente e para plantar as sementes de um futuro melhor.

Discípula fervorosa de J. Krishnamurti, a sra. Radha tende a ignorar a existência da lei do Carma - que une passado e futuro -, e a deixar de lado o próprio lema do movimento teosófico, que diz: “**Não Há Religião Mais Elevada Que a Verdade**”. Devido a esta limitação, ela pensa que a verdade sobre o passado é algo a ser evitado, especialmente em relação à Sociedade que ela preside.

O fato de a sra. Radha ter vindo a público para discutir o tema da injustiça contra um dos três principais fundadores do movimento teosófico constitui, inegavelmente, um passo adiante. Seus comentários constituem um início de diálogo. É bem possível que a sua visão da realidade continue evoluindo para melhor no futuro próximo. Sendo um ser humano, não se deve esperar infalibilidade da parte dela. Mas a boa vontade que a inspira e o diálogo sincero e fraterno são indispensáveis para a constante renovação do movimento teosófico, e também para o resgate da ética e do respeito pela verdade.

De William Judge, Sobre a Prática Diária. “Pois bem, então, você deseja mais luz, e eis aqui o que você deve fazer. Você terá de ‘desistir’ de alguma coisa. Ou seja: tome providências para acordar meia hora mais cedo do que está acostumado e dedique este tempo, *antes* do desjejum, a uma meditação silenciosa, na qual deve refletir sobre todas as ideias que são grandes e elevadas. Meia hora! Seguramente você pode dispor deste tempo.” [**William Q. Judge**, em “Letters That Have Helped Me”, Theosophy Company, Los Angeles, 1946, 300 pp., ver p. 96.]

Reflexões Sobre a Impermanência

Autor Clássico Examina a Eterna Renovação da Vida

Matias Aires

Nota Editorial:

Matias Aires (1705-1763) foi um dos grandes humanistas luso-brasileiros do século 18. Também é considerado o primeiro filósofo brasileiro. Nascido em São Paulo, ele viveu no Brasil até os onze anos de idade, quando foi para Portugal. Em Paris, estudou com um orientalista. Paracelso estava entre os autores que despertaram seu interesse. Estudou a filosofia estoíca, e foi amigo de Antônio José da Silva, “o Judeu”, assassinado pela Inquisição católica. Foi influenciado pelos jansenistas e por La Rochefoucauld.

Seu livro “Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens”[1], um comentário a Eclesiastes, 1, foi publicado em 1752 e tem correlações com diferentes tradições de pensamento. Esta obra imortal pode ser vista como um estudo sobre o Vazio budista e o conceito oriental de Maya, Ilusão. É correto interpretá-la como um comentário ao famoso fragmento de Heráclito sobre a Impermanência: “ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio” - porque *tanto o rio como aquele que se banha nele mudam a todo momento*. Por outro lado, a obra de Matias Aires é sem dúvida um exame rigoroso da primeira das Quatro Nobres Verdades do senhor Buddha, segundo a qual “Dukkha” - dor, ou aflição -, é inerente à vida. Entre os pensadores do século 21, o ponto de vista tradicional adotado por Matias Aires ressurgiu no conceito de “Vida Líquida”, de Zygmunt Bauman. [2]

Ao fazer a presente transcrição, mudamos em algumas frases a pontuação e substituímos algumas palavras caídas em desuso por sinônimos que são usados hoje. Ao final de cada parágrafo, assinalamos o número da página. (CCA)

*Em nada podemos estar firmes, pois vivemos no meio de mil revoluções diversas: as idades, e a fortuna continuamente combatem a nossa constância. Tudo consiste em representação que começa, não para existir, mas para acabar; menos para ser, que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrar-nos, a fazer parte da diversidade dele; parece que as coisas nos vão fugindo, até que nós vimos a desaparecer também. Somos formados de inclinações opostas entre si, e temos em nós uma propensão oculta que, sob a aparência de buscar os objetos, só procura neles a mudança. A inconstância nos serve de alívio, e nos desoprime, porque a firmeza é como um peso que não podemos suportar sempre, por mais que seja leve: e com efeito como podem as nossas ideias serem fixas, e sempre as mesmas, se nós sempre vamos sendo outros? Tudo nos é dado por um certo tempo; em breves dias, e em breves horas se desvanece a razão da novidade, que nos fazia apetercer; fica invisível aquele agrado, que nos tinha induzido para desejar. (p.101)

*Não temos liberdade para deixar de amar a formosura do mundo, e das suas partes; não temos livre o arbítrio para resistir ao encanto que a natureza esconde nas suas produções. A variedade das cores, o movimento dos animais, o canto das aves, o elevado dos montes, o ameno dos vales, a verdura dos campos, a suavidade das flores, e o cristalino das águas, tudo atrai a nossa admiração, e tudo nos infunde amor. A fábrica do universo é como um retrato da Onipotência; a grandeza do efeito indica a majestade da causa; por isso o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artífice. (pp. 122-123)

*A primeira coisa que a natureza nos ensina é amar; e assim o primeiro afeto que sabemos é aquele mesmo por onde a nossa existência começa a ter princípio. Novos no mundo, porém não no amor, esse se manifesta em nós logo no berço; ali mostramos para alguns objetos desagrado, e inclinação para outros; a uns buscamos com riso, e de outros fugimos com medo; uns nos servem de espanto, outros de divertimento; choramos por alcançar uns, e também choramos por evitar outros; como se o ódio e o amor naquela idade não tivessem outro modo de explicar-se, nem soubessem mais idioma que o das lágrimas. Também não é novo o chorar-se de gosto, do mesmo modo como se chora de pena. (p. 124)

*Vemos confusamente as aparências de que o mundo se compõe: os nossos discursos raramente se encontram com a verdade, com a dúvida sempre; de modo que a ciência humana toda consiste em dúvidas. Ainda dos primeiros princípios visíveis, e materiais, só conhecemos a existência, a natureza não; porque a contextura do universo é em si [tão] unida, e regular em forma, que na ordem das suas partes não se podem conhecer umas, sem se conhecerem todas; por isso todas se ignoram, porque nenhuma se conhece. Só a vaidade costuma decidir sem embaraço, porque não chega a imaginar-se capaz de erro. Os homens mais obstinados são os mais vaidosos, e sempre a porfia vem na proporção da vaidade. (pp. 56-59)

*A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado. Os objetos influem menos em nós, do que nós influímos em nós mesmos. Vemos como de fora as aparências de que o mundo se compõe, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos delas no estado em que as achamos, mas sim no estado em que elas nos acham. A delícia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição que da sua eficácia; o mesmo que ontem nos atraiu, hoje nos aborrece; ontem porque estava sem perturbação o nosso ânimo, hoje porque está com desassossego; e tudo porque não somos, hoje, o que ontem fomos. O mesmo que

hoje nos agrada, amanhã nos desgosta, e os objetos, por serem os mesmos, não causam sempre em nós as mesmas impressões. (pp. 112-115)

*Não somos firmes no amor, porque em nada podemos ser constantes. Continuamente nos vai mudando o tempo. Uma hora a mais é mais uma mudança em nós. A cada passo que damos no decurso da vida, vamos nascendo de novo, porque a cada passo vamos deixando o que fomos, e começamos a ser outros. Cada dia nascemos, porque cada dia mudamos, e quanto mais nascemos deste modo, tanto mais nos fica perto o fim que nos espera. A inconstância, que é um ato da alma, ou da vontade, não se faz sem movimento; a natureza só se conserva e dura porque muda e se move. O mundo teve o seu princípio no primeiro impulso que lhe deu o supremo Artífice; a própria luz, que é uma bela imagem da Onipotência, toda se compõe de uma matéria trêmula, inconstante, e vária. Tudo vive enfim do movimento. A falta de movimento é o mesmo que falta de vida, e de existência; assim a firmeza é como um atributo essencial da morte. (p.126)

*É próprio da vaidade o [ato de] dar valor a muitas coisas que não o têm, e quase tudo o que a vaidade estima é vão. Que coisa pode haver que tenha em si menos substância do que certas felicidades que, ponderada a melhor parte delas, consiste, ou em palavras, ou em gestos? A denominação de grande, de maior, e de excelente, e as submissões, que indicam o respeito, fazem uma parte essencial das glórias deste mundo. A primeira não consiste mais do que em palavras; a segunda toda se compõe de gestos. Que importa à felicidade do homem que os outros, quando lhe falam, articulem mais um som que outro, e que nas reverências que a lisonja introduziu se dobrem mais, ou menos? A vaidade nos faz crer [que somos] felizes à proporção que ouvimos esta, ou aquela voz, e que vemos este, ou aquele culto; a vida civil se reduz a um cerimonial composto de genuflexões, e de palavras. (pp. 63-64)

*No desprezo da vida, é onde a vaidade se mostra altiva e arrogante. Os clarins que incitam ao combate não são vozes que a natureza entenda, a vaidade sim; aquela sempre vai com um passo vacilante e trêmulo; esta conduz o peito ardente e furioso. Por mais que se encontrem precipícios, e que os olhos só vejam fogo e sangue, nem por isso desmaia o coração que a vaidade anima. Aquele a quem o escudo da fortuna cobre, e quem marcha resoluto, já pensa que está vendo os faustos do triunfo. Aquele que prostrado já fica agonizando, parece-lhe que expira nos braços da vitória, ou nos da fama. Que felicidade de morrer! A vaidade tira da morte o semblante pálido e horroroso, e só a deixa ornada de palmas e troféus. (pp. 80-81)

*Os retiros e as solidões nem sempre são efeitos do desengano. Na maior parte das vezes são delírios de um sentimento vão, ou furores em que brota a vaidade. Então nos move o fim oculto de querermos que a demonstração da dor nos faça recomendáveis. Fazemos vaidade de tudo quanto é grande: o próprio sofrimento, quando é excessivo, nos lisonjeia; porque nos promete a admiração do mundo. (p. 45)

*De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade; e se esconde de tal forma que a si mesma se oculta e ignora. Ainda as ações mais piedosas nascem muitas vezes de uma vaidade mística, que quem a tem não a conhece, nem distingue: a satisfação própria que a alma recebe é como um espelho em que nos vemos superiores aos outros homens pelo bem que realizamos, e nisso consiste a vaidade de fazer o bem. (p. 34)

*Travam os homens entre si uma contínua guerra de vaidade; e conhecendo todos a vaidade alheia, nenhum conhece a sua. A vaidade é um instrumento que tira dos nossos olhos os

